

*O que acontece
em Londres*

The title is written in a cursive font. The word 'O' is large and decorative. The words 'que acontece' are on the first line, and 'em Londres' is on the second line. There are decorative floral and leaf motifs around the text.

Título original: *What Happens in London*
Copyright © 2009 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Thais Paiva

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Flávia Midori e Camila Figueiredo

diagramação: Adriana Moreno

capa: Emma Graves / LBBG

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

ilustrações de capa: Yoco / Dutch Uncle

foto da autora: Roberto Filho

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64q

Quinn, Julia, 1970-

O que acontece em Londres [recurso eletrônico]/ Julia Quinn; tradução de Thais Paiva. São Paulo: Arqueiro, 2020.

recurso digital (Bevelstoke; 2)

Tradução de: What happens in London

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-306-0137-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Paiva, Thais. II. Título. III. Série.

20-62247

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Prólogo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e um

Capítulo Vinte e dois

Capítulo Vinte e três

Capítulo Vinte e quatro

Agradecimentos

Sobre a autora

Informações sobre a Arqueiro



Copyrighted image

*A*os 12 anos, Harry Valentine tinha dois conhecimentos que o distinguiam dos outros garotos de sua estirpe na Inglaterra do início do século XIX.

Primeiro, ser fluente em russo e francês. Mas não havia muito mistério envolvendo esse talento, pois sua avó, a mui aristocrática e obstinada Olga Petrova Obolenskiy Dell, fora morar com a família Valentine quatro meses após o nascimento de Harry.

Olga abominava a língua inglesa. Em sua opinião (que ela jamais se furtava de oferecer), absolutamente tudo que havia a se dizer no mundo poderia ser dito em russo ou francês.

Agora, por que ela resolvera se casar justo com um inglês, isso ela nunca explicava de maneira satisfatória.

– Imagino que seja porque a explicação deveria ser dada em *inglês* – murmurara a irmã de Harry, Anne, certa vez.

Harry apenas deu de ombros. E riu (como qualquer irmão que se preze) quando o comentário rendeu a Anne um puxão de orelha. *Grand-mère* entendia perfeitamente a língua inglesa, por mais que a desprezasse, e tinha ouvido de tuberculoso. Quando estava por perto, era uma péssima ideia murmurar qualquer coisa – em qualquer idioma. Fazê-lo em inglês já era uma grande tolice. Fazê-lo em inglês e ainda por cima insinuando que a capacidade vernacular do francês ou do russo era insuficiente para exprimir a mensagem em questão...

Sinceramente, Harry ficou surpreso por Anne não ter apanhado de

palmatória.

Mas a menina nutria pelo russo o mesmo desprezo que *grand-mère* reservava ao inglês. Era muito *cansativo*, queixava-se ela, e o francês era quase tão difícil quanto. Anne tinha 5 anos quando *grand-mère* fora morar com eles, seu inglês já arraigado demais para que desse chance a outro idioma.

Harry, por outro lado, não se fazia de rogado e respondia no idioma em que lhe dirigissem a palavra. O inglês se prestava aos assuntos corriqueiros; o francês, à elegância; e o russo logo se tornou próprio para o drama e a emoção. A Rússia era vasta. Fria. E, acima de tudo, *grande*.

Pedro, o Grande. Catarina, a Grande. Harry crescera ouvindo essas histórias.

– Bah! – zombava Olga quando o tutor de Harry tentava ensinar a história da Inglaterra. – Quem é esse tal de Ethelred, o Despreparado? *Despreparado?* Que tipo de país permite que um governante seja despreparado?

– A rainha Elizabeth foi uma grande governante – retorquiu Harry.

Olga não se deixou intimidar:

– E por acaso ela é chamada de Elizabeth, a Grande? Ou a Grande Rainha? Não. Ela é chamada de Rainha Virgem, como se *isso* fosse motivo de orgulho.

Nesse momento, as orelhas do tutor ficaram muito vermelhas, o que Harry achou bastante curioso.

– Ela *não foi* uma grande rainha – prosseguiu Olga, a voz gélida. – Sequer gerou um herdeiro ao trono de seu país.

– A maioria dos historiadores concorda que ela foi prudente ao evitar o casamento – retrucou o tutor. – Elizabeth precisava dar a impressão de ser uma governante livre de influências e...

Ele não terminou a frase. O que não surpreendeu Harry: *grand-mère* tinha cravado nele seu olhar mais afiado e aquilino. O menino não conhecia ninguém que fosse capaz de continuar falando incólume depois de ser crivado por aquele olhar.

– Você é um homenzinho estúpido – sentenciou ela, dando-lhe as costas.

Olga o demitiu no dia seguinte, tomando para si a tarefa de educar Harry até que um novo tutor fosse encontrado. Não era bem de sua alçada contratar e demitir os educadores das crianças Valentines, que já eram três (Harry tinha 7 anos quando o pequeno Edward chegou), mas parecia improvável que outra pessoa assumisse a função. A mãe de Harry, Katarina Dell Valentine, nunca a contrariava. Quanto ao pai... bem...

O pai tinha muito a ver com o segundo conhecimento incomum que habitava o cérebro de 12 anos de Harry.

Sir Lionel Valentine era um bêbado.

Não era *esse* o conhecimento incomum, afinal, todos sabiam que sir Lionel bebia mais do que devia. Não havia como esconder. Ele vacilava e tropeçava (na fala e no caminhar), ria quando ninguém mais ria e, para o terror das duas criadas (e dos dois tapetes do escritório de sir Lionel), tinha um hábito que explicava por que todo aquele álcool não se convertia em gordura corporal.

E foi por isso que Harry virou especialista em limpar vômito.

A primeira vez foi quando ele tinha 10 anos. Harry provavelmente teria deixado a sujeira onde estava se não tivesse resolvido pedir alguns trocados ao pai – e cometeu o erro de fazê-lo já tarde da noite. Depois de tomar seu conhaque vespertino, seu trago da tardinha, seu vinho do jantar e seu Porto de sobremesa, sir Lionel estava de volta à sua bebida favorita, o supracitado conhaque contrabandeado da França. Harry tinha plena certeza de que havia usado frases coerentes (em inglês) ao fazer seu pedido, mas o pai apenas o encarou, piscando várias vezes, como quem não entende o que ouve, até que, de repente, vomitou nos sapatos do filho.

Harry não teve como ignorar a sujeira.

Depois disso, foi como se não tivesse mais volta. O incidente se repetiu passada uma semana (embora, dessa vez, não no pé de Harry) e também no mês seguinte. Fosse qualquer outra criança, ao completar 12 anos já teria perdido a conta da quantidade de vezes que tivera que limpar a sujeira do pai, mas Harry sempre fora um garoto muito analítico. Assim, a partir do momento que começou a contar, foi difícil

parar.

A maioria das pessoas teria perdido a conta por volta da sétima vez. Afinal, Harry sabia, graças a seu abrangente conhecimento de lógica e aritmética, que sete é o maior número que as pessoas são capazes de assimilar visualmente. Marque sete pontos num papel e, após uma rápida olhada, a maioria de nós conseguirá afirmar: “Sete.” Acrescente um, porém, e quase todos perderão as contas.

Harry conseguia visualizar até 21.

Portanto, não era de surpreender que, após quinze incidentes, Harry soubesse exatamente quantas vezes havia encontrado o pai tropeçando pelo corredor, desmaiado no chão ou mirando (mal) um penico. Então, por volta dos 20 anos, a questão tomou proporções um tanto acadêmicas e ele sentiu que *precisava* contabilizar.

Afinal, ele tinha que pensar no assunto como uma questão acadêmica. Do contrário, ele correria o risco de se ver chorando antes de dormir em vez de ficar encarando o teto e avaliando: “Quarenta e seis, mas com um raio um pouco menor do que na terça-feira passada. Presumo que não tenha comido muito no jantar.”

Já fazia tempo que a mãe de Harry decidira ignorar a situação por completo, preferindo passar seus dias no jardim cuidando das espécies de rosas exóticas trazidas da Rússia tantos anos antes pela avó dele. Anne também já tinha declarado que planejava se casar e “sair desse inferno” assim que completasse 17 anos. O que, de fato, aconteceu – uma proeza que se devia inteiramente à própria determinação, já que nem o pai nem a mãe mexeram um dedo sequer para lhe arranjar um marido. Quanto a Edward, o caçula, ele aprendera a se adaptar, tal como Harry. Depois das quatro da tarde, o pai não tinha utilidade alguma, mesmo que parecesse lúcido – e geralmente ele mantinha as aparências, mas só até a hora do jantar, quando a coisa descarrilhava de vez.

A criadagem toda também já sabia. Não que houvesse legiões de criados; os Valentines tinham uma condição financeira bastante boa, com sua casinha jeitosa em Sussex e as 100 libras anuais que ainda recebiam como parte do dote de Katarina, mas não era uma riqueza fenomenal. Por isso, a criadagem dos Valentines se reduzia a oito pessoas: mordomo,

cozinheira, governanta, cavalariço, dois lacaios, arrumadeira e copeira. Quase todos decidiram permanecer trabalhando para a família mesmo tendo que lidar com os desagradáveis deveres relacionados ao álcool. Sir Lionel podia ser um beberrão, mas não era um beberrão mau. Também não era sovina, de modo que até as criadas se acostumaram a limpar a bagunça dele se isso lhes rendesse uma moeda extra aqui e ali – quando ele se lembrava do ocorrido o suficiente para ficar constrangido.

Assim, Harry não sabia ao certo *por que* continuava a limpar a sujeira do pai, uma vez que outra pessoa poderia fazê-lo. Talvez não quisesse que os empregados se dessem conta da frequência dos episódios; talvez precisasse de um lembrete visceral dos perigos do álcool. Diziam que seu avô paterno fora igualzinho. Será que aquele tipo de coisa corria no sangue da família?

Ele não queria pagar para ver.

Então, muito de repente, *grand-mère* morreu. E não foi o fim pacífico de quem morre dormindo – Olga Petrova Obolenskiy Dell jamais desperdiçaria sua derradeira oportunidade de fazer drama. Estava sentada à mesa do jantar, prestes a mergulhar a colher na sopa, quando levou a mão ao peito, começou a arquejar violentamente e caiu dura. Uma análise posterior constatou que ela ainda tinha algum nível de consciência quando bateu com a testa na mesa. Porque não apenas evitou cair de cara no prato, como também, sabe-se lá como, deu um jeito de acertar a colher de modo a espirrar um jorro de sopa fumegante sobre sir Lionel, cujos reflexos embotados o impediram de se esquivar a tempo.

Harry não foi testemunha ocular do acontecimento; aos 12 anos, não tinha permissão de jantar com os adultos. Mas Anne presenciou a cena toda e contou tudo ao irmão, detalhe por detalhe, quase sem parar para respirar.

– E aí ele arrancou fora a gravata!

– À mesa?

– À mesa! Deu até para ver a queimadura! Desse tamanho! – Com o polegar e o indicador, Anne indicou que devia medir uns 3 centímetros.

– E a *grand-mère*?

Anne assumiu um ar mais sério. Só um pouco.

– Acho que ela morreu.

Harry engoliu em seco.

– Bem, ela já era muito velha – comentou ele.

– Uns 90 anos, no mínimo.

– Acho que não chegava a 90, não.

– Mas *parecia* – resmungou Anne.

Harry não disse nada. Não sabia direito como era uma mulher de 90 anos, mas era inegável que não conhecia ninguém que tivesse mais rugas do que *grand-mère*.

– Sabe o que foi mais estranho? – prosseguiu Anne, inclinando-se para a frente. – A *mamãe*.

– O que ela fez?

– Nada. Nadinha.

– Ela estava sentada perto da *grand-mère*?

– Não, não é disso que estou falando. Ela estava do outro lado da mesa, e na diagonal, longe demais para poder ajudar.

– Então...

– Ela só ficou lá sentada – interrompeu Anne. – Nem se mexeu. Não fez a menor menção de se levantar.

Harry ponderou. Triste dizer, mas aquilo não o surpreendia.

– A expressão dela nem se alterou. Ela ficou lá sentada, *assim*.

Anne assumiu uma expressão vazia inconfundível, e Harry teve que admitir que era idêntica à da mãe.

– Vou lhe dizer uma coisa – prosseguiu Anne. – Se ela caísse de cara na sopa na minha frente, eu ficaria no mínimo *muito* surpresa. – Ela balançou a cabeça. – São inacreditáveis, esses dois. Papai só faz beber e mamãe não faz é nada. Olha, mal posso esperar pelo meu aniversário. Não me interessa se deveríamos estar de luto. Eu *vou* me casar com William Forbush e não há nada que eles possam fazer para me impedir.

– Acho que você não tem com o que se preocupar – disse Harry. – Mamãe provavelmente não vai manifestar qualquer opinião sobre o assunto e papai vai estar bêbado demais para perceber.

Anne contraiu os lábios, formando uma careta triste.

– Humpf. Você tem razão. – Em seguida, numa demonstração nada

comum de afeto fraternal, afagou o ombro dele. – Não se preocupe. Em breve você também vai embora.

Harry aquiesceu. Em poucas semanas, ele partiria para o colégio interno.

E, embora sentisse um pouco de culpa por ir embora e deixar Anne e Edward para trás, a sensação foi totalmente suprimida pelo alívio esmagador que tomou conta dele ao partir.

Foi um momento muito bom. Com todo o respeito a *grand-mère* e seus monarcas favoritos, ir embora foi um *grande* momento.



A vida como estudante se revelou tão satisfatória quanto Harry esperava. Ele frequentava o Hesslewhite, um colégio interno razoavelmente rigoroso para meninos cujas famílias não tinham influência (ou, no caso de Harry, interesse) suficiente para mandá-los para Eton ou Harrow.

Ele adorava a escola. *Adorava*. Adorava as aulas, adorava os esportes e adorava ir dormir sem ter que fazer a ronda na casa em busca do pai, torcendo para que ele tivesse desmaiado a tempo de não se vomitar todo. Na escola, Harry ia do salão de convivência direto para o dormitório, e adorava cada passo daquele tranquilo caminho.

Como todas as coisas boas têm fim, aos 19 anos Harry se formou com sua classe, da qual fazia parte Sebastian Grey, seu primo e melhor amigo. Houve uma cerimônia, já que esse é o tipo de ocasião que as pessoas gostam de celebrar, mas Harry se “esqueceu” de avisar à família.

– Onde está sua mãe? – perguntou tia Anna.

Assim como a mãe de Harry, tia Anna não carregava nenhum sotaque, apesar da insistência de Olga em se dirigir às filhas apenas em russo desde que eram criancinhas. Anna se saíra melhor do que a irmã ao se casar com o segundo filho de um conde, mas isso não causou nenhuma rixa entre as duas. Afinal, sir Lionel era um baronete, o que significava que, apesar de tudo, Katarina é que mantinha o título de “Sua Graça”. Por outro lado, Anna tinha a influência e o dinheiro e, talvez o

mais importante, um marido que quase nunca se permitia tomar mais do que uma taça de vinho no jantar – isto é, até a morte dele, dois anos antes.

Assim, quando Harry murmurou uma desculpa qualquer, alegando que a mãe se sentia um pouco cansada, Anna entendeu no mesmo instante: se a mãe dele comparecesse, o pai também estaria presente. E, depois do espetáculo trôpego que sir Lionel dera em 1807, durante a cerimônia de convocação do Hesslewhite, Harry relutava muito em convidá-lo para qualquer outro evento escolar.

Sir Lionel tendia a falar engrolado quando bebia, e Harry não sabia se seria capaz de sobreviver a outro discurso sobre a “esgola esblêndida, zimblesmente esblêndida”, ainda mais se, como na primeira ocasião, fosse proferido pelo pai em cima de uma cadeira.

E durante aquele que deveria ser um minuto de silêncio.

Harry tentara tirar o pai de lá, e teria conseguido se a mãe, do outro lado de sir Lionel, houvesse ajudado na empreitada. Mas ela só ficou olhando para a frente, como sempre fazia nesses momentos, fingindo que nada estava acontecendo. Então restou a Harry dar um puxão no pai, que perdeu o equilíbrio e caiu, com um grito e um estrondo, batendo com a bochecha no espaldar da cadeira da frente.

O episódio poderia ter deixado qualquer um possesso, mas não sir Lionel. Ele apenas deu um sorriso estúpido, chamou Harry de “rabaz esblêndido” e cuspiu um dente.

Harry ainda guardava aquele dente. E nunca mais permitira que o pai pusesse os pés no colégio. Mesmo que, com isso, fosse o único garoto sem os pais na cerimônia de formatura.

Depois, a tia fez questão de levá-lo em casa, para gratidão de Harry. Ele não gostava de receber convidados, mas tia Anna e Sebastian já sabiam tudo o que havia para saber sobre sir Lionel. Quer dizer, quase tudo: Harry os privara da informação referente às 126 vezes em que ele tivera que limpar a sujeira do pai. Também omitira a recente perda do precioso samovar de *grand-mère*, que acontecera quando sir Lionel tropeçara em uma cadeira, dera um salto curiosamente gracioso no ar (talvez numa tentativa de recobrar o equilíbrio) e caíra de barriga no

aparador.

Três pratos de ovos e uma travessa de bacon também se perderam naquela manhã.

Os cães, por outro lado, nunca comeram tão bem na vida.

O Hesslewhite fora escolhido por ser próximo da propriedade da família, de modo que, após meros noventa minutos de carruagem, eles saíram da estrada e pegaram a alameda que levava à casa.

– As árvores estão bem frondosas este ano – observou tia Anna. – Imagino que as rosas de sua mãe estejam vingando bem.

Harry assentiu distraidamente, tentando calcular as horas. Ainda era fim de tarde ou já era noite? Se a hora estivesse avançada, seria obrigado a convidá-los para ficar para o jantar. Não havia como fugir de convidá-los a entrar – tia Anna decerto gostaria de ver a irmã –, mas, se ainda fosse cedo, os convidados esperariam apenas um chá, o que significava que poderiam entrar e sair sem nem avistar sir Lionel.

No jantar, aí seriam outros quinhentos. Sir Lionel insistia em sempre se vestir formalmente para a ocasião, o que, segundo ele, era a marca de um cavalheiro. E, por menor que fosse a reunião (99 por cento das vezes, eram apenas sir Lionel, lady Valentine e os filhos que estivessem em casa), ele fazia questão de bancar o anfitrião. O que geralmente significava muitas histórias e tiradas jocosas, só que sir Lionel tendia a esquecer o que acontecia do meio para o fim e suas tiradas estavam mais para sofríveis.

O que, por sua vez, implicava um silêncio doloroso por parte dos demais, que passavam boa parte do jantar fingindo não notar que ele derrubara a molheira ou que sua taça de vinho fora enchida uma segunda vez.

E uma terceira.

E uma quarta.

E, é claro, uma quinta vez.

Ninguém nunca pedia que ele parasse. De que adiantaria? Sir Lionel sabia que bebia demais. E de uma coisa Harry já perdera a conta: quantas vezes o pai se virara para ele, soluçando, e dissera: “Eu zindo muito, zindo muito mesmo. Não guero zer um vardo. Vozê é um bom garodo,

Harry.”

Mas de nada adiantava. Qualquer que fosse a motivação de sir Lionel para beber, era muito mais poderosa que qualquer culpa ou arrependimento de onde pudesse tirar forças para parar. Sir Lionel tinha perfeita noção do tamanho de seus problemas. Mas era completamente impotente diante deles.

Assim como Harry, cuja única opção seria amarrar o pai na cama – o que ele não estava disposto a fazer. Portanto, restava não convidar os amigos para visitá-lo, evitar jantar em casa e, agora que a escola tinha terminado, contar os dias para ir para a universidade.

Antes disso, porém, ele precisava sobreviver ao verão. Assim que a carruagem parou na frente da casa, Harry desceu e estendeu a mão para ajudar a tia. Sebastian saiu em seguida e, juntos, os três foram para a sala de visitas, onde Katarina estava absorta em seu bordado.

– Anna! – exclamou ela, e fez menção de se levantar (só menção mesmo). – Que surpresa agradável!

Anna foi abraçá-la e depois se sentou de frente para a irmã.

– Achei que seria bom dar uma carona ao Harry na volta da escola.

– Ah, então acabou o semestre? – murmurou Katarina.

Harry deu um sorriso tenso. Ele tinha sua cota de culpa pela ignorância dela, precisava admitir, já que não dissera nada sobre estar prestes a se formar. Por outro lado, não era um dever de mãe ficar a par desses detalhes?

– Olá, Sebastian – disse Katarina, virando-se para o sobrinho. – Você cresceu.

– Acontece – brincou Sebastian, exibindo seu sorriso torto de sempre.

– Misericórdia – disse ela, sorrindo. – Logo, logo você será um perigo para as jovens.

Harry se segurou para não revirar os olhos. Sebastian já tinha conquistado quase todas as meninas da vila perto de Hesslewhite. O primo devia exalar alguma espécie de almíscar, porque as fêmeas viviam aos pés dele.

Seria revoltante, não fosse pelo fato de que era impossível *todas* as moças dançarem com Sebastian. E Harry ficava mais do que feliz em ser